

CEDI - P. I. B.
DATA 03, 09, 86
COD

IPD0000

MINISTÉRIO DO INTERIOR - SUDECO
FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO
DOS KARIPUNA

Mauro de Mello Leonel Jr.
Betty Mindlin

Novembro
1983

ÍNDICE

	Pág.
I. INTRODUÇÃO	067
II. TERRAS	068
III. POPULAÇÃO	070
IV. SAÚDE	071
V. ADMINISTRAÇÃO	072
VI. RECOMENDAÇÕES	073

AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DOS KARIPUNA

I. INTRODUÇÃO

Dos 39 Karipunas contactados em 1976, apenas 8 sobreviveram, num exemplo dramático da atração e desaparecimento dos grupos arredios na Rondônia.

Os remanescentes moram hoje no P.I. Karipuna, numa antiga colocação de seringa às margens do rio Jaci-Paraná. A área interdita para os Karipuna é de 202.000 ha.

Com eles, vivem 12 Karitiana, um índio que se intitula Capivari, de língua próxima à dos Karipuna e um Tupi Kawahib, talvez um dos últimos remanescentes do grupo encontrado por Levi-Strauss em 1938, na aldeia então pela primeira vez visitada por um branco.

A expedição de atração dos Karipuna foi feita sem recursos para transporte, numa região de acesso difícil, sem vacinas ou medicamentos, sem enfermeiro ou médico. Alguns índios morreram ainda no mato, outros ao chegar para assistência médica em Porto Velho, onde os meios de atendimento também eram inferiores aos atuais. É válido interrogar se não seria preferível nenhum contacto a uma expedição de atração nessas condições.

É fato, porém, que sem a FUNAI, os índios já eram objeto de matanças por parte dos civilizados. Parece que os Karipuna já tinham algum contacto esporádico com os seringais, derrubando ocasionalmente roças para os civilizados. Há notícias de uma expedição de 40 homens, destinada a exterminar os Karipuna, dirigida pelo seringalista Pedro Fernandes, em que foram assassinados cerca de 30 índios.

A assistência oferecida hoje pela FUNAI às vítimas de tão trágico extermínio é a de um posto distante, de difícil comunicação, onde tem sido problemático, por exemplo, manter regularmente um enfermeiro. Os índios referem-se a chefes

de Posto anteriores ao atual que gritavam e apontavam armas para eles. Os índios vivem em torno do Posto e a vida tribal se confunde com as poucas atividades econômicas dos funcionários da FUNAI.

Apesar da aparente pobreza de vida comunitária, com um número tão pequeno de índios (uns 20 ao todo), os poucos Karipuna são uma porta para o mundo indígena no mato de há apenas 7 anos, sem civilizados, e testemunham a tradição, cantos, música e história de um povo desaparecido. A impressão de restos de um tesouro cultural que dão os relatos sobre a vida anterior, é acentuada por machados de pedra, cacos de cerâmica e objetos encontrados na pista de pouso em construção, indicando que a área pode ser importante para um trabalho arqueológico.

II. TERRAS

1. A área interditada para os Karipuna é de aproximadamente 202.000 ha (veja-se memorial descritivo e mapa em anexo). Os limites, na maior parte, são naturais.

Há seringueiros na área, que residem fora, e são tolerados pela FUNAI. Outra ameaça sobre a área são estradas planejadas (nºs 257 e 370 no mapa)

2. Acesso ao P.I. Karipuna

São 90 km em estrada de rodagem de Porto Velho a Jaci-Paraná, e de Jaci-Paraná 12 horas de barco pelo rio Jaci Paraná, na estação chuvosa, ou 2 dias para ir e um para voltar, na seca. O Summer Institute of Linguistics costumava alugar para a FUNAI um hidroavião, que foi vendido. O Posto tem um barco que é inadaptado ao rio, porque de potência grande demais no período da seca, e cujo motor está atualmente em conserto em Porto Velho.

Uma pista de pouso estava sendo construída com grande esforço há 6 meses, por um chefe de Posto que acaba de dei

xar a área, mas a menos que haja uma dotação de novos recursos, é pouco provável que seja terminada.

3. Demarcação

Apesar do pequeno número de índios, a demarcação do território Karipuna é urgente.

Há informações sobre a existência de dois outros grupos indígenas arredios na região. É possível que um desses grupos seja Karipuna. Os relatos são dos próprios índios, de moradores da região, como de um antigo funcionário do SPI, José Rodrigues e de funcionários da FUNAI. Localizam-se, possivelmente, no Rio Capivari, Igarapé Fortaleza, Igarapé Formoso e Igarapé Trinidad.

A norma da FUNAI tem sido a de primeiro completar o trabalho de atração para em seguida fazer a demarcação. Nesse caso, porém, justifica-se a demarcação imediata, diante da rapidez do processo de ocupação de terras na Rondônia. Qualquer demora significaria a perda do território, cuja manutenção deve ser defendida até como uma espécie de reparação mínima de guerra, num caso flagrante de extermínio de um povo pelos civilizados. As terras podem ser habitadas pela população atual, pelos grupos arredios e possivelmente, no futuro, até mesmo por um ou outro grupo Uruweu-wau-wau, cuja língua é muito próxima à dos Karipuna. A área seria então apropriada para o contingente populacional, lembrando que a população é crescente e aumenta também com a imigração de índios de outras áreas.

Convém lembrar, para responder ao argumento usado pelo Governador do Estado, de que a extensão de terra é grande demais para a população (no caso 20 índios para 200 mil ha.) , que propriedades enormes, com um dono apenas, ficam próximas da área Karipuna. Alguns exemplos, segundo o INCRA, são o seringaí Boa Esperança, com 200 mil ha, o I.B. Sabá, dentro da Gleba Sílvio, com 101 mil ha. e outros, que não têm, como a área indígena, a virtude de constituir-se numa reserva florestal e de espécies animais em extinção.

Além das estradas, uma ameaça que paira sobre os Karipuna é um projeto de colonização que será feito à esquerda da área, no rio Matum-Paraná.

III. POPULAÇÃO

A população Karipuna é a seguinte:

1. Homem: 45 anos
2. Homem: 30 anos
3. Homem: 30 anos
4. Homem: 20 anos
5. Menino (m): 10 anos
6. Mulher: 25 anos
7. Menina (f): 12 anos
8. Menina (f): 10 anos

O restante da população (Karitiana e outros) é o seguinte:

IDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
+ de 55 anos	1	-	1
51-55	1	-	1
46-50	1	1	2
41-50	-	-	-
36-40	-	-	-
31-35	-	-	-
26-30	-	-	-
21-25	-	-	-
16-20	1	2	3
11-15	-	-	-
6-10	-	2	2
0-5	2	1	3
TOTAL	6	6	12

Há pelo menos mais 2 Karitiana (um homem e uma mulher entre 20 e 30 anos) fora, nos Uruweu-wau-wau.

Entre os Karipuna, o único casamento possível, de acordo com as regras de casamento tradicionais (possivelmente o casamento se dá entre primos cruzados e entre 2 clãs exogâmicos, o do mutum e o do tucano), o de nº 6 com nº 3, já foi feito. Só há uma mulher adulta (nº 6) com uma filha de 10 anos (nº 8) e uma sobrinha, filha de sua irmã (nº 7). Esta mulher acaba de perder uma menina de 10 meses, de pneumonia. Os homens que não o marido dessa mulher são irmãos ou pais classificatórios da mulher e das meninas. Nem o menino (nº 5) pode se casar com as meninas. Casamentos entre os Karipuna ficam então excluídos. O Tupi-Kawahib é aceito como se fosse um membro de um sub-grupo Karipuna e pode casar com a menina, por exemplo.

Os homens adultos solteiros Karipuna (são três) são portanto obrigados a procurar esposas em outros grupos indígenas, como Tenharim, Parintintin, Cinta-Larga. Queixam-se de discriminação por causa da tatuagem no rosto que têm. Poderiam, em tese, dizem, casar com mulheres Uruweu-wau-wau, cuja língua é muito semelhante. O problema é que pouco têm a oferecer em troca e só a terra, talvez, poderia ser um fator de negociação.

Dois dos homens Karipuna têm permanecido fora da área, trabalhando na frente de atração Uruweu-wau-wau. Criaram, através do trabalho, laços com membros de outras tribos que lhes permitem talvez arranjar casamentos. A desvantagem dessa permanência fora é não se fixarem na própria área, o que devem ser encorajados a fazer.

IV. SAÚDE

O atendimento médico é feito por Porto Velho. Foram uma ou duas as visitas de médico à área nos últimos anos. As

vacinas foram dadas. A área ficou sem enfermeiro até outubro, quando foi mandado um atendente, pois o posto estava provisoriamente sem chefe.

A situação de saúde é delicada, com ocorrência frequente de malária. Esse ano morreu de malária um menino Suruí de 8 anos, filho de uma família Suruí que estava morando entre os Karipuna e depois voltou à própria área e morreu uma nenêzinha Karipuna de 10 meses, de pneumonia. Ambos faleceram já em Porto Velho.

Preocupa muito o atendimento médico pela dificuldade de acesso à área. Agora que não é mais usado o hidroavião, e só há acesso pelo rio, é muito improvável a visita da equipe médica. Os Karipuna ficam reduzidos a viajar eles próprios para Porto Velho, se doentes, e como não há chefe de Posto as situações de emergência serão especialmente perigosas.

V. ADMINISTRAÇÃO

O Posto consiste em umas 3 casas de madeira (sede, enfermaria, armazém), cercadas de árvores de fruta do antigo seringal. Há uma casa de farinha, um barco e um motor quebrados, em conserto em Porto Velho, e um rádio. Seis homens trabalham para o Posto, recebendo contra recibo, sem carteira profissional. Ganham menos que o mínimo. Três são civilizados e três são os índios não Karipuna residentes na área.

Os Karitiana e o índio que se diz Capivari moram em 2 casas bastante próximas. O Tupi-Kawahib mora só, perto do Posto.

Os Karipuna moram noutra núcleo de casas, feitas de palha, com traços de maloca.

Todos têm roças familiares e ajudam na roça do Posto.

A vida indígena fica bastante centrada no Posto, que tende a reunir índios com problemas em outras áreas e que vem morar aqui por períodos. Vários Cinta-Larga estiveram um

tempo no P.I. Karipuna, um deles acabando por casar com uma mulher Karitiana prometida a um Karipuna. Não é fácil o convívio de tantos indivíduos desenraizados e de grupos distintos. O trabalho e as características da vida cotidiana ficam ao sabor das idéias do chefe do Posto. Não havendo mais propriamente uma rotina tribal, há um clima de colonização e subordinação dos índios aos civilizados, sendo especialmente importante escolher funcionários não autoritários e respeitadores do mundo indígena.

O último chefe de Posto permaneceu 2 anos na área e pouco depois da visita dos pesquisadores fora transferido, a seu pedido. O Posto ia ficar a cargo de um enfermeiro novo e dos trabalhadores.

Reivindicações do Posto mais que razoáveis são a regularização da situação trabalhista dos funcionários (nomeação dos 6 homens e carteira de trabalho) pista de pouso e barco com motor de rabeta, adaptado ao rio.

O P.I. Karipuna recebe verba de frente de atração (Cr\$ 7,5 milhões em 1983), insuficiente para os gastos a tal distância.

VI. RECOMENDAÇÕES

1. Demarcação imediata;
2. Retirada dos seringueiros e fiscalização da área, com recursos para tal;
3. Acesso mais fácil; importante para o atendimento médico: barco e motor de rabeta e construção da pista de pouso;
4. Atendimento médico: enfermeiro permanente na área e visitas da Equipe Volante de Saúde.